

**A formação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa:
cenários/ambientes, incômodos/tensões, interpersoalidades/alteridades e
perspectivas/horizontes**

*Training Portuguese Sign Language Translators and Interpreters: scenarios/environments,
discomforts/tensions, interpersonalities/alterities and perspectives/horizons*

Huber Kline Guedes Lobato
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Brasil

Orquídea Coelho

Universidade do Porto

Porto-Portugal

José Anchieta de Oliveira Bentes

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Belém-Brasil

Resumo

A pesquisa é proveniente do Doutorado Sanduíche realizado em Portugal em 2021. O objetivo foi identificar e analisar onde e como se formam os tradutores e intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (LGP) que atuam no Ensino Superior em Portugal. É uma pesquisa qualitativa, com estudo bibliográfico/documental e entrevistas com duas pessoas Tradutoras e Intérpretes de LGP – Ocre e Gris. O tratamento dos dados/análise do corpus, deu-se pela Análise Dialógica do Discurso. Os resultados da pesquisa suscitaram reflexões acerca da tradução e da interpretação da LGP tendo como base as seguintes dimensões: cenários / ambientes, incômodos / tensões, interpersoalidades / alteridades e perspectivas / horizontes. Considera-se imprescindível a efetivação de lugares dentro da profissão que vislumbrem espaços de formação em serviço.

Palavras-chave: Tradutores e Intérpretes; Língua Gestual Portuguesa; Formação em Serviço.

Abstract

This research is about the Sandwich Doctorate done in Portugal from 2021. The objective is to verify and analyze where and how Portuguese Sign Language Translators and Interpreters who work in Higher Education in Portugal are trained. It is a qualitative research, bibliographic/documentary study and interviews with two people: Ocre and Gris. For the analysis of the corpus, was used a Dialogical Analysis of Discourse. The research results show explanations about the translation and interpretation of Portuguese Sign Language in the analytical categories: scenarios / environments, discomforts / tensions, interpersonalities / alterities and perspectives / horizons. It is important to create places for the profession as spaces for continuing education.

Keywords: Translators and Interpreters; Portuguese Sign Language; Continuing Training.

1. Considerações Iniciais

A formação de tradutores e intérpretes de Línguas Gestuais ou de Línguas de Sinais¹ é uma temática que emerge, cada vez mais, nos estudos e nas pesquisas sobre a educação de pessoas surdas e a formação profissional para a inclusão social e educacional. Por isso, adentramos no universo da formação de profissionais tradutores e intérpretes de Portugal e, assim, refletimos criticamente sobre os desafios e os avanços dessa profissão.

Realizamos atividades acadêmicas e científicas em forma de Estágio de Doutoramento Sanduíche no Exterior (SWE) – Chamada Nº 08/2019 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal. O SWE foi um período de mobilidade de três meses (setembro a novembro de 2021), no ano acadêmico 2021/2022, sob o enquadramento de Acordo de Cooperação – Estágios.

O artigo que aqui apresentamos é uma produção resultante do SWE, sendo um texto que tem como foco as seguintes dimensões: cenários, incômodos, interpessoalidades e perspectivas. Tais dimensões encontram-se inspiradas nos textos de Nóvoa (1999; 2002; 2019). Focamos ainda nas dimensões: ambientes, tensões, alteridades e horizontes. Estas encontram-se respaldadas em Bakhtin (1997; 2016; 2017). Adiante iremos expor as razões pelas quais consideramos que estas dimensões se complementam teórica e analiticamente.

Destacamos que ambos os autores não teorizaram sobre o universo da Tradução e Interpretação das Línguas Gestuais ou de Sinais, porém vamos mergulhar nas suas conceções teóricas para pensar esse universo e, assim, alcançar o nosso objetivo que consiste em identificar e analisar onde e como se formam na especialidade os tradutores e intérpretes da Língua Gestual Portuguesa (LGP) que exercem a sua atividade profissional no Ensino Superior em Portugal.

No presente texto nos aproximamos dos pensamentos de Nóvoa e de Bakhtin. O primeiro pensa uma formação (no caso dos professores) que garanta tempos e espaços para uma atuação profissional pautada pela autorreflexão a partir das histórias e narrativas de vida. Já o segundo teoriza sobre a interação eu-outro, mediante uma relação dialógica e concreta entre os sujeitos situados, social e historicamente, no mundo.

Esses dois autores serão a base teórica, metodológica e analítica para fundamentar os posicionamentos enunciativos e discursivos de duas pessoas tradutoras e intérpretes de LGP

que participaram de nossa pesquisa no contexto de Portugal. A partir das concepções desses autores, iremos delinear nossas considerações sobre o contexto português da formação de tradutores e intérpretes de LGP que exercem a sua atividade profissional no Ensino Superior.

2. Preceitos Teóricos e Metodológicos

O nosso texto encontra-se embasado em: Mikhail Bakhtin (1895-1975) e António Nóvoa (1954). O primeiro foi um importante intelectual da Rússia do século XX. Desse autor utilizamos o texto “O autor e o herói” presente na obra *Estética da criação verbal*. Já António Nóvoa é um professor do Instituto de Educação e reitor honorário da Universidade de Lisboa. Utilizamos, desse autor, a obra “Professores: imagens do futuro presente”. A seguir a fundamentação sobre: a) cenários/ambientes; b) incômodos/tensões; c) interpessoalidades/alteridades; d) perspectivas/horizontes.

Focando-nos nos cenários da formação de tradutores e intérpretes de LGP, importa referir que Nóvoa (2009), fala sobre cenários no sentido de pensar o futuro da educação e identificar os contextos de evolução da escola (e dos sistemas de ensino).ⁱⁱ O autor destaca que nenhum destes cenários existe, ou existirá, no estado puro, pois são tendências, ou seja, são reflexões sobre a educação a partir de cenários ou situações contingentes. Sendo que, “[...] muitas destas tendências estão misturadas, combinadas de modos vários em todos os sistemas de ensino [...]” (NÓVOA, 2009, p. 59).

Por sua vez, Bakhtin (1997) reflete sobre os ambientesⁱⁱⁱ na obra literária, isto é, esses ambientes são aqueles elementos externos da obra: os lugares que compõem as personagens. Esse lugar vem “[...] *de fora*, e teremos seu *ambiente* [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 111 grifos do autor). Os ambientes na perspectiva bakhtiniana são os arranjos estéticos e contextuais que emolduram a obra literária e suas personagens. Assim, vamos utilizar o termo ambiente(s) como equivalente a cenário(s).

Passemos para a nossa segunda categoria: incômodos/tensões. Nóvoa apresenta algumas ideias incômodas sobre a escola e a cidadania. Para o autor essas ideias são “[...] incômodas, no sentido em que são polémicas e que vão contra algumas das crenças dominantes ou, melhor dizendo, contra alguns dos princípios que organizaram a educação desde finais do século XIX” (NÓVOA, 2009, p. 49). Assim, incômodos são aqueles posicionamentos mais críticos sobre algo/alguém.

Dos incômodos chegamos às tensões – termo utilizado por Bakhtin. A tensão, segundo Bakhtin, faz parte da relação criadora do autor com o herói, é “[...] uma relação impregnada da tensão peculiar a uma exotopia [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 34). A tensão dá-se na confluência da perspectiva do autor com a da personagem (herói). Uma tensão pautada na interação dialógica e na responsividade entre ambos: autor/personagem.

Em relação à interpessoalidade, Nóvoa (2009) diz que, ao longo dos últimos anos, tem-se dito (e repetido): “[...] o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais” (NÓVOA, 2009, p. 38). O autor refere-se à pessoalidade como um conhecimento pessoal (um auto-conhecimento). Assim, sugerimos o termo interpessoalidade, pois refere-se às relações, dialogicamente, estabelecidas no trabalho em equipe e no exercício coletivo da profissão.

Por sua vez a alteridade é um conceito entroncado com o de interpessoalidade. Bakhtin (1997) menciona que, por meio da atividade estética, cria-se o corpo exterior do outro em termos de valores, trata-se de uma ótica “[...] determinada precisamente pela alteridade do outro, uma ótica que é orientada para a frente de mim mesmo e não é invertível para a minha direção (BAKHTIN, 1997, p. 78). A alteridade efetiva-se na relação entre autor, personagem (herói) e o contexto da obra literária.

Sobre a perspectiva, Nóvoa pontua que pensar o futuro é um exercício arriscado e, muitas vezes, fútil. “Mas, apesar dos avisos, não resistimos à tentação de imaginar o que nos irá acontecer, procurando, assim, agarrar um destino que tantas vezes nos escapa” (NÓVOA, 2009, p. 71). Nessa mesma direção, os horizontes^{iv} referem-se ao que vem “[...] de dentro do herói, e teremos seu horizonte [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 111 grifos do autor). É o olhar do personagem (bem como do autor) sobre o enredo e o contexto situacional que perpassa pela obra. Em nosso texto o horizonte será demarcado pelo olhar das duas pessoas intérpretes, pelas considerações dos pesquisadores e pelo contexto da pesquisa.

A partir desses pressupostos teóricos, cunhamos os nossos pressupostos metodológicos, sobretudo a metodologia bakhtiniana de pesquisa. Com isso, nos pautamos em uma pesquisa de abordagem dialógica, em consonância com os pressupostos teóricos/metodológicos/analíticos de Bakhtin e do Círculo e em suas reflexões acerca da postura do pesquisador frente à pesquisa. Na pesquisa de abordagem dialógica existe uma profunda relação de troca entre o pesquisador e a realidade do fenómeno pesquisado.^v

Durante a pesquisa investigamos os textos legais sobre a profissão de tradutores e intérpretes de Língua Gestual Portuguesa. Enveredamos por uma pesquisa bibliográfica e documental^{vi} na intenção de perceber os enunciados (textuais) legais que regulamentam o contexto de atuação do profissional tradutor e intérprete em Portugal. Em seguida, realizamos a pesquisa qualitativa em que fomos a campo capturar os posicionamentos discursivos e conhecer o *lócus* de atuação profissional de cada participante da pesquisa.

Entrevistamos, ainda, duas pessoas tradutoras e intérpretes de LGP, a fim de analisar os seus discursos acerca da tradução e da interpretação da Língua Gestual. Cada pessoa é um “ser expressivo e falante”, são sujeitos que produzem discursos (orais/escritos ou gestuais/de sinais) no contexto social e histórico. Os posicionamentos discursivos das pessoas entrevistadas (participantes da pesquisa) constituíram o *corpus* de nossa investigação.

Os critérios para a seleção de cada participante foram os seguintes: a) atuar profissionalmente no Ensino Superior; b) pertencer ao corpo de pessoal contratado de uma instituição pública de Ensino Superior; c) realizar trabalho de tradução e interpretação com estudantes surdos no Ensino Superior; d) ter seis anos ou mais de experiência profissional; e) ter atuado em diversas Unidades Orgânicas e em distintas áreas do conhecimento. No quadro seguinte encontra-se o perfil de cada participante:

Quadro 1: Perfil de cada participante^{vii}

Codínome	Idade	Formação	Tempo de atuação	Contexto de atuação
Ocre	29	Licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa; Possui Mestrado e é estudante de Doutorado.	Desde 2014	Ensino Superior
Gris	28	Licenciatura em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa; Possui Mestrado.	Desde 2013	Ensino Superior

Fonte: arquivo da pesquisa (2021).

Na pesquisa fizemos uso do Consentimento Informado (CI)^{viii}, enquanto um critério ético respeitado na recolha dos dados. Para cada participante, solicitamos a confirmação por meio da leitura e da assinatura do CI. Para além disso, destacamos que o projeto de pesquisa foi apreciado e aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCEUP) por meio do Parecer Final favorável à realização da pesquisa – Referência 2021/09-02c.

Após as entrevistas ou coleta, para o tratamento dos dados ou análise do *corpus*, fizemos uso da interpretação, pois Bakhtin (2017, p. 67) compreende “a interpretação como

correlacionamento com outros textos e a reapreciação em um novo contexto (no meu, no atual, no futuro)”. Apoiamo-nos na Análise Dialógica do Discurso que “[...] considera as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos [...]” (Paula, 2013, p. 252).

Nos pontos seguintes apresentamos as nossas análises feitas com o *corpus* da pesquisa. Cabe destacar que realizamos um percurso paralelo junto às reflexões e aos pensamentos de António Nóvoa e Mikhail Bakhtin. A intenção foi subsumir a nossa escrita nas ideias provenientes desses dois autores e, assim, enxergar as similaridades entre ambos e o contexto da formação de tradutores e intérpretes de LGP.

3. Cenários/Ambientes

As pessoas participantes da pesquisa apontaram alguns cenários/ambientes da trajetória da formação profissional. Para Bakhtin na obra de arte (1997, p. 113) “[...] o mundo das coisas é pensado e relacionado com o herói a quem serve de ambiente [...]”. No tempo e no espaço é possível perceber os principais cenários/ambientes da formação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (TILGP), os quais são: início do ensino básico; pós-ensino secundário; formação complementar; formação inicial; estágio; outras experiências; e atuação no Ensino Superior.

Nóvoa (2019) diz que o desenvolvimento profissional dos professores ocorre em três momentos: a formação inicial, a indução profissional e a formação continuada. O primeiro refere-se à formação de professores dentro das instituições de Ensino Superior, ou seja, das graduações em licenciaturas; o segundo é a inserção dos professores na profissão; o terceiro é a capacitação voltada para as comunidades profissionais docentes.

Essa mesma situação ocorre no âmbito da formação de TILGP, mas vamos apresentar, inicialmente, o que vem antes disso, ou seja, os cenários/ambientes da formação básica (o ensino básico e o secundário e os cursos livres). A partir dessa formação básica adentramos nos três momentos de formação apontados por Nóvoa (2019) durante o desenvolvimento profissional (dos professores), mas aqui será pensado no contexto dos profissionais TILGP.

3.1 A formação básica

Em relação à formação básica de profissionais tradutores e intérpretes de LGP, esta pode ocorrer em três cenários/ambientes: no início do ensino básico; no âmbito do ensino secundário; e no contexto da formação considerada mais livre junto ou após o ensino

secundário. Esses cenários/ambientes podem ser vivenciados por uns ou por outros; isso não significa que todos perpassarão pelos mesmos lugares na trajetória.

a) Início do ensino básico

Demarcamos, nesse tópico, o lugar da infância na formação de tradutores e intérpretes de LGP. A infância, mesmo sendo algo do passado, ainda assim, é um processo atual e contínuo que permanece em cada um de nós, inclusive nas pessoas participantes da pesquisa. Isso evidencia a construção de um auto-conhecimento por meio das experiências advindas da infância. Mais precisamente foi Ocre (participante da pesquisa) que destacou a infância como algo relevante em seu trajeto de formação.

O meu interesse pela Língua Gestual começou, precisamente, quando eu tinha 6 anos. Porque eu precisava de uma escola básica, quando eu ingressei para o 1º (primeiro) ano. Na minha turma tinha um colega surdo, [...] tinha um intérprete em sala de aula [...]. Começou aí o meu gosto pela área, o meu interesse de aprender Língua Gestual, para me comunicar com ele [o colega surdo]. Desde aí, então, comecei a aprender a Língua Gestual nessa faixa etária, quando eu era muito pequenino (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Nesse ponto, consideramos a infância como o universo das experiências vividas por alguns tradutores e intérpretes de LGP. São experiências de um contexto histórico e concreto permeado de relações sociais no universo infantil. A criança – aquela a ser TILGP – estava inserida no contexto de uma pessoa surda e de tradutor(es) e intérprete(s) de LGP. Esse contato com um colega surdo no primeiro ano do ensino básico em Portugal, foi crucial para a escolha da profissão.

b) Ensino Secundário

Em Portugal o Ensino Secundário é constituído pelo: 10º ano, 11º ano, 12º ano; o que corresponde ao Ensino Médio no Brasil. Esse nível de ensino caracteriza-se por constituir uma transição do Ensino Básico para o Ensino Terciário, ou seja, para o Ensino Superior. Assim, ocorreu com cada participante da pesquisa:

[...] quando cheguei à altura do décimo ano, tinha que escolher o curso de Ensino Superior [...] optei pelo Curso de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, precisamente por este motivo: por ter esse gosto e essa paixão pela língua. Claro! E querer aprender mais e saber mais a respeito (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Eu não sabia nada de Língua Gestual, não sabia nada sobre a comunidade surda. Na altura, quando tive de ter que me candidatar ao Ensino Superior, achei que

A formação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa: cenários/ambientes, incômodos/tensões, interpessoalidades/alteridades e perspectivas/horizontes

seria uma coisa interessante, mas longe de imaginar em concreto o que é que aquilo era. E, portanto, só fiz a aprendizagem da língua depois disso [...] foi assim, um acaso do destino [...] (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Há um predomínio de fatores intrínsecos nos posicionamentos das duas pessoas tradutoras e intérpretes: a paixão (sentimento intenso que possui a capacidade de alterar o comportamento e o pensamento), isto é, a paixão ou o gosto por estudar uma língua levou Ocre a transformar isso tudo em profissão. Houve a casualidade (algo proporcionado pelo acaso), pois foi meio que por acaso que Gris adentrou em sua profissão.

c) Formação livre

Um outro aspeto evidenciado na pesquisa é a formação livre, ou seja, as atividades que os TILGP realizaram no sentido de adquirir mais conhecimentos formativos que complementassem a atuação em tradução e interpretação da LGP. São atividades diversificadas que completam a formação profissional. Em relação a tais atividades foi mencionado que:

[...] sempre fui tentando praticar sozinho para não esquecer determinados correspondentes gestuais [...]. Também, fui realizando algumas formações, alguns workshops de Língua Gestual. Portanto, quando ingressei no curso, não era novidade para mim a Língua Gestual. Já tinha alguma formação na área [...] (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Nóvoa (2002) menciona que o espaço pertinente da formação já não é o professor isolado, mas “[...] o professor inserido num corpo profissional e numa organização escolar [...]” (NÓVOA, 2022, p. 38). O autor aponta a importância das formações informais em articulação com o investimento das situações profissionais e dos projetos educativos. Isso significa que no âmbito da formação profissional há momentos pessoais da formação e há aqueles momentos mais técnicos.

Assim, conceituamos que a formação complementar de tradutores e intérpretes de LGP ocorre a partir de dois vieses: a pessoa-TILGP e a organização-TILGP. Esses dois termos foram inspirados em Nóvoa (2022) que trata da formação contínua a partir da: pessoa-professor (autoformação crítico-reflexiva) e organização-escola (no quadro dos sectores de ensino). Assim, a formação do TILGP dá-se no viés da pessoa-TILGP (investimento pessoal no aprendizado da língua e técnicas profissionais) e no viés da organização-TILGP (investimento oferecido por organizações formativas).

3.2 A Formação inicial

Um outro cenário/ambiente da formação das pessoas TILGP é o Ensino Superior, sobretudo, a formação inicial em cursos específicos de LGP. Os cursos designados de Licenciaturas, em Portugal, correspondem aos Cursos de Graduação no Brasil. Esses cursos são ofertados pelos Institutos Politécnicos (IP) ou pelas Universidades, ambas consideradas instituições de Ensino Superior. Os cursos de cada IP são, normalmente, de 3 anos. Já das universidades podem variar: de 3 a 4 anos. Em ambos existem, ainda, os cursos com mestrado integrado à licenciatura: geralmente com 5 anos de curso.

Por exemplo, no Instituto Politécnico do Porto (Escola Superior de Educação) na área da LGP existe o curso de licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa – que é o primeiro ciclo (formação inicial). Há, ainda, o curso de Mestrado em Ensino em Língua Gestual Portuguesa – que corresponde ao segundo ciclo (formação *stricto sensu*). Assim:

A formação básica consiste em 3 (três) anos. Em que nós temos diversas unidades curriculares, que é da parte mais teórica [...]. Temos a parte, também, mais prática ainda da tradução [...]. Portanto, digamos que o curso foi muito completo nesse nível, porque nos deu essa possibilidade de aprender e nos transformar enquanto profissional [...] (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Durante o curso superior, portanto, a formação é de três anos e foi nessa altura que eu aprendi [a Língua Gestual Portuguesa]. Quando fui para a licenciatura eu não tinha conhecimentos de Língua Gestual [...]. A licenciatura é o curso superior que nos habilita a trabalhar (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

A Licenciatura em Tradução e Interpretação da LGP objetiva formar profissionais capazes de realizar a interpretação simultânea e/ou consecutiva entre as línguas: a LGP e a Língua Portuguesa. De acordo com as informações da Licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa^{ix} o curso é de três anos, sendo que ao final há um estágio de um ano. O egresso deste curso estará apto ao exercício da profissão, com competências e habilidades para desenvolver estratégias de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes.

É possível perceber que para a entrada ao Curso de Licenciatura em TILGP não é exigido exame prático. O curso não exige prova de habilidade prática, pois uma das pessoas participantes aprendeu a LGP quando começou a estudar nesse curso. Isso ocorreu antes da

Licenciatura em LGP, pois antes o participante não tinha conhecimentos na área. Nesse caso, o aprendizado da LGP ocorreu no percurso da Licenciatura.

3.3 O Estágio

Um cenário/ambiente considerado de extrema relevância para a formação em TILGP é o Estágio. Nesse momento os futuros TILGP fazem Estágios em Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS), em Instituições de Ensino Superior (IES) ou em instituições públicas ou privadas que lidem com surdos.

O que acho, também, muito importante – e que foi marcante para mim – foi de ter tido a oportunidade de realizar o estágio curricular no terceiro ano, ou seja, no último ano da licenciatura. Então, realizei esse estágio em uma escola secundária com 40 alunos surdos. Portanto, isso para mim foi marcante no sentido de eu estar perante alunos surdos. Assim, tive a oportunidade de praticar o que fiz durante esses três anos no Ensino Superior. Foi-me dada a oportunidade, enquanto estagiário, de exercer a profissão (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Fiz um programa de estágio profissional em que eu estava, também, no contexto de Ensino Superior a acompanhar uma estudante surda. Portanto, trabalho como intérprete desde setembro de 2013 [...]. Em dois mil e treze e dois mil e catorze foi o Estágio – de setembro a julho [...]. Na época do estágio profissional, no primeiro ano, nós éramos uma equipa e tínhamos hora para nos preparar dentro do horário. Muitas vezes, fazíamos isso dentro do gabinete, todos éramos três ou quatro (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Conforme o Regulamento de Estágio da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE/PP),^x os objetivos do estágio são: a) proporcionar oportunidades de relação direta com os contextos e problemáticas da educação de pessoas surdas; b) criar interfaces entre a formação e o exercício da atividade profissional por via de uma relação direta com os ambientes específicos das instituições.

O estágio é supervisionado e tem a duração de um semestre letivo. Há a orientação para a escrita de relatório, sendo que há, ainda, a defesa do relatório final do estágio. Nesse estágio os académicos, futuros tradutores e intérpretes de LGP, unem o que apreenderam durante toda a formação académica com as experiências de cunho profissional, ou seja, os conhecimentos teóricos serão articulados às vivências práticas da profissão de TILGP.

3.4 As experiências extracurriculares

Uma outra situação a destacar diz respeito às atividades extracurriculares que foram mencionadas durante as entrevistas. São experiências extra (outras) que ocorrem junto às

atividades acadêmicas da Licenciatura em TILGP, tais como: a organização de eventos, ou seja, as atividades teórico-práticas provenientes da produção dos acadêmicos em eventos técnico-científicos.

Também, houve o facto de nos darem muitas oportunidades, durante o curso, para organizar seminários, congressos, eventos sobre o dia da Língua Gestual Portuguesa, o Dia da Pessoa Surda, ou seja, tudo isto eram modos para que nós, enquanto alunos, pudéssemos fazer determinados eventos na faculdade e na universidade para o público em geral e, ao mesmo tempo, nós estarmos envolvidos na organização [...] (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

As experiências extracurriculares são as atividades realizadas além da sala de aula. Essas atividades, geralmente, não estão delineadas no desenho curricular dos cursos, isto é, não são componentes curriculares ou disciplinas, mas são atividades extra que têm relação direta com os assuntos estudados em sala de aula, como por exemplo, seminários, congressos, simpósios, entre outros eventos que complementam o currículo.

A indução profissional

De acordo com Nóvoa (2019, p. 9) a indução profissional é a “[...] inserção dos jovens professores na profissão e nas escolas [...]”, ou seja, é a entrada no campo profissional. No caso de cada TILGP, participante da pesquisa, a indução profissional deu-se no estágio e prosseguiu, de forma mais efetiva, com a atuação em Instituições do Ensino Superior por meio de uma dinâmica de atuação que merece ser compreendida em nosso estudo.

a) Atuação na universidade

O número de estudantes surdos no Ensino Superior em Portugal é expressivo. Na universidade que adentramos, conforme revelamos com a pesquisa, são treze estudantes surdos nas mais diversas licenciaturas. Assim, logicamente, a universidade vem-se adequando para dar condições de acesso e permanência a esse público, inclusive garantir o serviço de tradução e interpretação da LGP.

Para isso, a instituição conta com a atuação profissional de catorze tradutores e intérpretes de LGP. Esses profissionais são contratados anualmente, em regime de prestação de serviços, para viabilizar a comunicação entre estudantes surdos e as pessoas ouvintes, designadamente docentes, no âmbito da instituição. A entrada desses profissionais na universidade acontece por meio da parceria com uma associação de tradutores e intérpretes.

Essa entrada deu-se em 2015 com minha inscrição em uma associação de tradutores de Língua Gestual Portuguesa (...). Eu inscrevi-me como sócio; em

um contrato de prestação de serviços com a Universidade [...] Portanto, procedi à entrega de todos os documentos que eram necessários e fui selecionado. Assim, desde 2015 (dois mil e quinze) para cá, todos os anos há esse processo ao invés de concurso, digamos assim, e nós – os associados – concorremos em todos os anos, e tenho ficado sempre. Tenho tentado dar continuidade aos trabalhos com os estudantes que tenho vindo a acompanhar (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

No final desse ano [2014] eu fazia parte de uma associação de intérpretes e, através dessa associação de intérpretes, portanto, passei a atuar no Ensino Superior. Na altura perguntaram-me se eu tinha disponibilidade para assegurar a interpretação de aulas numa Faculdade [...]. Enquanto estive, tanto na Faculdade de Direito quanto na Faculdade de Psicologia, o serviço era-nos distribuído pela associação e eu era o único intérprete naquela Faculdade (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

A atuação de profissionais tradutores e intérpretes de LGP no Ensino Superior, especialmente, na universidade que foi o *lócus* da nossa investigação, dar-se mediante um contrato anual de prestação de serviços por tempo determinado. Na universidade não há concurso para esta área, por isso, anualmente há a contratação de profissionais que garantam a acessibilidade comunicacional de estudantes surdos na universidade. Neste caso, os TILGP são profissionais que prestam as suas atividades profissionais mediante uma remuneração estabelecida em contrato temporário.

b) Dinâmica de atuação

Tornou-se necessário saber sobre a dinâmica de atuação de TILGP em nossa pesquisa. Assim, cada participante mencionou as especificidades do trabalho na universidade, sobretudo o trabalho junto a um núcleo de apoio à inclusão. Esse núcleo apoia a universidade no seu trabalho em prol do reconhecimento e da valorização da diferença. Dessa forma, enunciou-se sobre a dinâmica de atuação:

Tem uma unidade pedagógica que verifica o número de alunos surdos. A partir daí, tenta-se sempre que o intérprete dê continuidade ao trabalho com o aluno surdo que já estava a trabalhar. [...] Nisso é observada a continuidade pedagógica do intérprete junto ao aluno surdo (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

[...] Portanto, o serviço chegava-me conforme a distribuição de serviço da instituição. A instituição distribuía no início do ano aquele horário, aliás era por semestre, portanto, no início do ano – no semestre. [...] Eu ficava com o número de horas correspondente àquilo que eram as necessidades de interpretação do estudante (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Essa unidade pedagógica ou esse serviço mencionado por Ocre e Gris é um núcleo de apoio à inclusão. O núcleo integra a unidade de responsabilidade social da universidade e lida com questões de equidade e inclusão social e educacional. O núcleo contribui para a definição e implementação de políticas e práticas de inclusão na universidade, nesse bojo oferece a acessibilidade por meio da tradução e interpretação da LGP.

4. Incômodos/Tensões

Os incômodos e, especificamente as tensões são acontecimentos de interação e de luta com os pensamentos dos outros (BAKHTIN, 2016). Em alguns momentos no texto, faremos uso do termo “desafio(s)” que corresponderá a incômodos e tensões. Assim, incômodos e tensões são os desafios da formação continuada, os desafios da complexidade de disciplinas e os desafios do uso dos recursos tecnológicos.

4.1 Sobre a formação continuada

As pessoas participantes da pesquisa apontaram o primeiro incômodo ou a primeira tensão: a formação continuada no âmbito da atuação profissional. Esse é um desafio que veio à tona a partir dos seguintes questionamentos: quais tipos de formações em serviço estão disponíveis ao TILGP? Que tipo de formação vocês recebem? Há algum tipo de formação específica para a atuação?

Não temos formação. O que acontece? É que, nós intérpretes temos sempre que procurar formação para complementar o nosso currículo e nosso trabalho. Temos sempre que procurar formação na nossa área. O que acontece? É que não é, neste caso específico, a Universidade (...) que nos dá a formação [...] (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Na Instituição de Ensino Superior em si, não quero estar a ser injusta, mas penso que não; nunca tive [...]. Em dois mil e catorze, quando eu fui trabalhar para a Faculdade de Direito, então isso exigiu, da minha parte, muito estudo e muita preparação (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Destacamos que a atuação de TILGP é pautada na praticidade e nas técnicas de traduzir e interpretar. Nesse caso, cabe o aperfeiçoamento de suas competências e habilidades, daí a necessidade de formação continuada. Isso precisa acontecer no dia a dia, ao longo da atuação. Novoa (2019, p. 7) aponta que “o lugar da formação é o lugar da profissão”. Por atuarem no Ensino Superior, em cursos de licenciaturas, há uma exigência da praticidade de cada TILGP. Isso dar-se em virtude da complexidade das disciplinas nos diversos cursos.

4.2 A complexidade das disciplinas

O segundo desafio (incómodo/tensão) é a complexidade das disciplinas, ou seja, a atuação em tradução e interpretação da LGP em meio aos conteúdos, genuinamente, específicos de áreas diversificadas. Isso ocorre por conta da falta de determinados correspondentes em Língua Gestual e pelo desconhecimento de alguns assuntos por parte dos TILGP.

Eu acho que o maior desafio no Ensino Superior, honestamente, não é mesmo pelas disciplinas serem diferentes, mas é a complexidade de cada disciplina, bem como passar isso para a Língua Gestual; isso é muito complexo. Porquê? Por falta de correspondentes gestuais. Isto obriga a um trabalho extra; quando digo extra, é mesmo extra sala de aula; um trabalho de casa (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

[...] então, aquelas disciplinas do primeiro ano [do curso de Direito] foram todas muito desafiantes. Eu tinha necessidade de ir para casa ler as bibliografias que os professores sugeriam [...] não era uma questão só de vocabulário gestual, era de conseguir na minha cabeça perceber o que é que estava a fazer para conseguir depois, na Língua Gestual, a dar a volta àquilo (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Na intenção de sanar esses desafios esses profissionais TIGLP faziam um trabalho extra; algo para além da sala de aula, isto é, um trabalho de casa. Coube o estudo e a preparação em um outro horário; em um momento que não coincidissem com a atuação em sala de aula. Assim, havia a necessidade de ir para casa ler/estudar as bibliografias que os professores sugeriam aos estudantes surdos.

Em relação à falta de correspondentes gestuais apontado por Ocre, pontuamos que essa falta pode ser sanada com: a socialização de neologismos ou sinais provisórios (alguns sinais que são criados na relação entre surdos e tradutores e intérpretes na sala de aula); a socialização de experiências em momentos de formação continuada; o diálogo extra classe entre professores e TILGP no sentido de esclarecer alguns conteúdos mais técnicos abordados nas aulas.

4.3 Sobre os recursos tecnológicos

O terceiro desafio refere-se à carência de alguns recursos tecnológicos que deem suporte à atuação em tradução e interpretação em LGP. Nesse caso, nos referimos ao uso de câmeras digitais, laboratórios de filmagens (captação, edição e exibição), computadores, notebooks, fones, iluminação, ecrã, tripé, entre outros recursos específicos.

[...] No âmbito da universidade (...) não temos. Antes, no Instituto Politécnico do Porto, na época do estágio, eu tinha um gabinete que tinha computador,

tinha câmara e, portanto, podia usar eu e os outros intérpretes [...]. Portanto, mesmo agora na época da pandemia [...] era da nossa responsabilidade ter um computador, ter uma câmara, ligação de internet, para assegurar a interpretação nas aulas (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Recurso tecnológico não. Na altura o serviço de educação especial da Faculdade, não tenho certeza se é assim o nome [refere-se a um núcleo de apoio à inclusão], a pessoa responsável pelo serviço era uma pessoa muito atenta e, também, muito prestável, tentava sempre criar ali sinergias até com os professores. Agora em termos de recursos tecnológicos, não [não tinha] (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

A área da Língua Gestual/de Sinais é uma área que requer o uso desses recursos tecnológicos, uma vez que é comum acontecerem vídeo conferências, fóruns de discussão, vídeo aulas com os estudantes surdos. Devido à especificidade da língua (espacial e visual), cabe o uso de recursos tecnológicos para que os gestos/sinais sejam filmados, editados e gravados em forma de glossário visual ou dicionário digital.

5. Interpessoalidades/Alteridades

Iniciamos esse tópico com o pensamento de Nóvoa acerca das relações no âmbito da atuação profissional. Para o autor “ninguém se integra numa profissão sozinho, isoladamente. Ninguém constrói novas práticas pedagógicas sem se apoiar numa reflexão com os colegas” (NÓVOA, 2019, p. 10). Assim, interligamos essa reflexão às palavras bakhtinianas de que “[...] aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro [...]” (BAKHTIN, 2017, p. 58). Logo, trazemos os discursos sobre as relações interpessoais (de alteridades) mediante o diálogo com: os estudantes surdos; os professores; e outros tradutores e intérpretes de LGP.

5.1 Com estudantes surdos

No âmbito das relações interpessoais cada TILGP mencionou as relações de alteridade com os estudantes surdos no seio da instituição universitária que investigamos. Assim, a alteridade (relação eu-outro) é constituída de duas formas: nas relações profissionais e nas relações de amizade. No meio desse processo existe a harmonia da relação que é proporcionada pela LGP. A seguir os discursos:

[...] eu acho que tem que haver assim – é preciso separar as coisas de amizade e de contexto de trabalho – eu acho que é muito importante para aquele aluno surdo, que muitas vezes não tem mais ninguém com quem se comunicar dentro da faculdade e só se comunica conosco, porque somos a única pessoa que sabemos comunicar em Língua Gestual (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Eu passava muito tempo com as pessoas surdas. Acabei por criar não só relações profissionais, mas também laços que continuam até hoje, porque foram relações em que estávamos muito tempo juntas. [...] tinha que haver mesmo uma harmonia entre mim e, muitas vezes, ela [a estudante surda], mas sim sempre correu tudo bem (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Criar relações interpessoais harmônicas no âmbito da atuação profissional é, ao nosso ver, significativamente saudável para os envolvidos nessas relações e, qualitativamente, benéfico para a instituição. No entanto, cabe dosear os limites da relação profissional e da relação de amizade. Isso requer maturidade e compromisso tanto por parte dos TILGP quanto dos estudantes surdos. Tal como constatámos, isso existe no âmbito das relações entre TILGP e estudantes surdos, pois conforme nos expuseram, foi preciso separar as “coisas” de amizade e de contexto de trabalho.

5.2 Com professores

Outro aspeto das relações interpessoais é o contacto com os docentes da instituição de ensino superior. Assim, cada TILGP mostrou a necessidade ou a importância de fazer um contacto prévio com os professores, ou seja, estabelecer uma rede de relacionamentos ou rede de contatos antecipados para um trabalho de mais qualidade. Assim, talvez, outros hábitos sejam constituídos nessas relações.

[...] neste caso específico agora da pandemia em que tivemos aulas à distância, eu tentei fazer um contacto prévio com os professores dos alunos que eu estava a acompanhar. Foi no sentido de enviar um e-mail e dizer: sou a intérprete que vai acompanhar o estudante surdo e estou aqui para o que precisar (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

E com os professores e demais profissionais, alguns mais acessíveis – uns mais que outros. No início muita relutância, também. Eu estive, muitas vezes, em primeiros anos e, então, os professores não estavam muito habituados a ter lá a presença do intérprete, mas correu sempre tudo bem (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

A presença de TILGP em sala de aula causa mudanças de hábitos. É claro, isso vai depender, também, de cada profissional envolvido no processo, pois alguns são mais acessíveis que outros. Isso é recorrente no seio da inclusão escolar e universitária. O fundamental é que haja mudanças atitudinais. Assim, percebe-se que isso vem acontecendo, uma vez que no início havia muita relutância, pois os professores não estavam muito

habituaados com a presença do intérprete, mas com o decorrer da atuação tudo foi fluindo da melhor forma possível.

5.3 Com tradutores e intérpretes

No que tange a relação entre o próprio grupo de TILGP a reflexão dar-se no sentido de estar mais em comunidade, isto quer dizer, fazer uma atuação mais coletiva na intenção de construir um ambiente colaborativo em prol dos estudantes surdos e da concretização de um trabalho mais em equipa.

Com os intérpretes, a mesma questão, mas neste caso, como eu já disse, poderíamos estar mais em comunidade, em grupo de trabalhos, no sentido de estarmos mais em equipa em prol desses alunos, isso poderia ser bem melhor para a aprendizagem dos estudantes surdos (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

Mantinha alguns contatos com alguns colegas intérpretes que, na altura, faziam interpretação no mestrado, nas aulas, na minha turma [...] aproveitava para partilhar gestos, para tirar dúvidas e sempre tive essa vertente de questionar ou dizer: – olha, como faria esse gesto aqui, se calhar daria para fazer assim! (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

A relação ou o contato ocorre, também, mediante o apoio que um TILGP oferece ao outro. Nesse caso, isso pode ser por meio da partilha de gestos, das dúvidas e questionamentos que surgem na atuação. É uma forma de apoio, que é manifestada por meio do diálogo em que, por exemplo, um diz ao outro: esse gesto aqui, se calhar daria para fazer assim. Dessa forma, a relação de alteridade se fortalece no âmbito da atuação profissional.

6. Perspectivas/Horizontes

As pessoas não têm apenas ambientes, constituídos de espaços e tempos da enunciação de seus pensamentos. Cada pessoa “[...] tem também horizonte próprio [...]” (BAKHTIN, 2017, p. 58). No âmbito de seu horizonte há as perspectivas por mudanças e as ideias sonhadas em prol de determinadas situações ocorridas na vida de cada sujeito. Assim, foi mencionado sobre as mudanças e os sonhos para a profissão.

6.1 As mudanças

Uma mudança apontada pelas pessoas participantes da pesquisa refere-se a um desafio que já discutimos anteriormente, isto é, a formação continuada no âmbito da atuação profissional. Cabem momentos de formação para que a prática da tradução e interpretação seja, cada vez mais, de qualidade. Reiteramos que isso há de acontecer no dia a dia e durante o processo de atuação profissional.

A formação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa: cenários/ambientes, incômodos/tensões, interpessoalidades/alteridades e perspectivas/horizontes

Eu acho que se nos fosse dado a formação. E estamos a falar em que formação? Aquela mais direcionada para o nosso trabalho. Ou seja, vamos pensar: se eu estou a fazer uma interpretação na área da psicologia, então cabe ser dada a formação nesta área (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021). [...] ter intérpretes mais especializados naquela área [...]. Porque o Ensino Superior pode ter coisas diferentes e tão específicas que, se calhar, exigiria uma especialização mais aprofundada [...]. E, depois, de conseguir também dar condições de uma carreira estável e dar uma possibilidade de ter uma profissão no futuro (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Assim, pontuamos dois aspetos para o debate: a especialização e a estabilidade. O primeiro, ainda, pode ser compreendido como a formação continuada em áreas específicas. Conforme foi mencionado: se há a interpretação na área da psicologia, por exemplo, cabe a formação nessa área, ou seja, cabe ter intérpretes mais especializados na área; uma especialização mais aprofundada.

Quanto à uma carreira mais estável, inferimos que seja a estabilidade no serviço público, ou seja, a garantia de emprego após aprovação em concurso público. Isso, possivelmente, garantiria uma atuação isenta de pressões partidárias e políticas. A intenção da pessoa participante que apontou a necessidade de carreira estável não é, logicamente, fugir de pressões institucionais, mas de ter uma profissão estável no futuro.

6.2 Os sonhos

Em relação aos sonhos ambas as pessoas participantes se dedicam a expressar seus pensamentos sobre a inclusão e a acessibilidade. Isso significa refletir sobre o acesso ao Ensino Superior e, ao mesmo tempo, a permanência para continuar estudando nessa etapa da vida acadêmica. Para isso, a presença de tradutores e intérpretes de LGP é condição indispensável em todos os momentos da vida universitária de estudantes surdos.

Não é porque se tem o aluno surdo, não é porque se tem o intérprete que, assim, já há a inclusão. Eu acho que ainda falta muito e era esse o meu sonho: era de poder ver toda a gente que participa da comunidade académica a participar mesmo na vida ativa daquele aluno surdo, ou seja, cabe dar a oportunidade de ter intérpretes em todos os momentos [...] (Ocre - entrevista realizada em 21/09/2021).

[...] eu sei que há muitas universidades em Portugal que não têm serviço de interpretação, portanto, eu acho que aquilo que eu poderia sonhar era que todas as Faculdades, independentemente da área [...] portanto, idealmente seria que todas as Faculdades tivessem ainda mais acessibilidade (Gris - entrevista realizada em 27/09/2021).

Os participantes mencionaram que todas as faculdades deveriam ter a presença de tradutores e intérpretes de LGP. Com a pesquisa, percebemos que há cartorze profissionais atuando em faculdades diferentes. Esses profissionais não estão em toda a instituição, mas naquelas faculdades em que há estudantes surdos. Assim, idealmente seria imprescindível que todas as faculdades tivessem, ainda mais, acessibilidade para os surdos.

7. Considerações Finais

Esse texto trouxe reflexões a partir de dois autores que – mesmo não teorizando acerca da tradução e interpretação das Línguas Gestuais ou de Sinais – exploram concepções e considerações para pensar, respetivamente, a formação de professores e a linguagem entre os sujeitos. A partir desses autores (António Nóvoa e Mikhail Bakhtin) alcançamos o nosso objetivo que foi identificar e analisar onde e como se formam os tradutores e intérpretes da LGP.

Assim, realizamos discussões sobre a tradução e a interpretação da LGP tendo como eixo epistemológico as seguintes categorias analíticas:

a) cenários/ambientes: reflexões sobre a formação básica (início do ensino básico, ensino secundário, formação livre); a formação inicial; o estágio; as experiências extracurriculares; a indução profissional (atuação na universidade e a dinâmica dessa atuação); b) incômodos/tensões sobre: a formação continuada; as disciplinas; os recursos tecnológicos; c) interessoalidades/alteridades com: estudantes surdos, professores e tradutores e intérpretes; d) perspectivas/horizontes: as mudanças e os sonhos.

A partir do posicionamento de cada participante de nossa pesquisa (Ocre e Gris), consideramos a urgência para a efetivação de espaços que favoreçam uma formação em serviço, no dia a dia, para Tradutores e Intérpretes de LGP. Assim, esses profissionais irão cada vez mais responder às demandas provenientes da complexidade das disciplinas e da insuficiência de recursos tecnológicos.

Algo a ser considerado, ainda, é a implantação de um núcleo de apoio à inclusão enquanto um local que lida com as questões de equidade e inclusão no espaço universitário. Isso favorece o ensino e a aprendizagem dos estudantes surdos e fortalece as relações interpessoais entre os professores e todos os estudantes – com ou sem deficiência. É, claro, promove um cenário de mudanças educacionais e sociais.

Referências

- AMADO, João. Ensinar e aprender a investigar: reflexões a pretexto de um programa de iniciação à pesquisa qualitativa. **Revista portuguesa de pedagogia**. 44(1), 119- 142, 2010. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/ensinar_e_aprender_investigar_reflex%C3%B5es_pretexto_de_um_programa_de_inicia%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_pesquisa. Acesso em: 22 dez. 2022.
- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**. 22(40), 95-103, 2013. Disponível em: <https://www.nelsonreyes.com.br/Marli%20Andr%C3%A9.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 57-79.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução e notas por Paulo Bezerra, Notas da edição russa por Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 11-69.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 25-114
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- NÓVOA, António. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?lang=pt>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- NÓVOA, António. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
- NÓVOA, António. A formação contínua: entre a pessoa-professor e a organização escola. In: NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002, p. 31-48.
- NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António. (org.). **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Editora, 1999, p. 13-34.
- Paula, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, p. 239-258, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5099/4555>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Notas

ⁱ Em português existem as designações de Línguas de Sinais e de Línguas Gestuais. Não é possível uma uniformização das nomenclaturas em virtude das especificidades conceptuais, culturais e políticas dessas línguas. Tanto os sinais quanto os gestos possuem estrutura linguística e gramatical envolvidas pelo contexto sociocultural e ambas as designações terão decorrido do conceito de signo linguístico. Em Portugal existe a Língua Gestual Portuguesa (LGP) e no Brasil existe a Língua Brasileira de Sinais (Libras), línguas distintas, com distintas nomenclaturas, tal como acontece em outros países. As

línguas gestuais ou línguas de sinais não são universais, nem foram batizadas com um só nome, motivo pelo qual, neste caso, vamos manter as suas designações originais: Língua(s) Gestual(ais) e/ou Língua(s) de Sinais.

ⁱⁱ Tais cenários são: 1) Manutenção de sistemas escolares burocráticos; 2) Êxodo dos professores – “Desintegração”; 3) As escolas no centro da colectividade; 4) A escola como organização centrada na Aprendizagem; 5) Redes de aprendizagem e sociedade-em-rede; 6) Extensão do modelo de mercado.

ⁱⁱⁱ O que caracteriza o ambiente “é, acima de tudo, a disposição formal, externa, plástico-pictural: harmonia das cores, das linhas, simetria e outras combinações extrasignificantes, puramente estéticas” (BAKHTIN, 1997, p. 113).

^{iv} Bakhtin refere-se ao horizonte como a perspectiva que se tem sobre algo/alguém, isto é, “o mundo de que participo realmente é, de dentro, o horizonte da minha consciência ativa e atuante” (BAKHTIN, 1997, p. 113).

^v A pesquisa, também, é de abordagem qualitativa, uma vez que se fundamenta numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído (André, 2013). De acordo com Amado (2010) a Investigação Qualitativa contribui com o melhoramento das situações e dos problemas existentes no contexto.

^{vi} Para Gil (2009, p. 50) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”. A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 2009). Para a pesquisa documental iremos lidar com documentos oficiais: Leis e Decretos de Portugal.

^{vii} Por questões éticas optamos por não mencionar o sexo/género de cada participante. Essa informação poderia identificar tais participantes Tradutores e Intérpretes de LGP de Portugal. Em relação aos codinomes, optamos em escolher nomes de cores que demarcassem adjetivos de dois géneros / substantivos masculino e feminino.

^{viii} Em Portugal é comum a utilização da expressão: Consentimento Informado. Esse é um documento sobre a ética da pesquisa, que é equivalente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no Brasil.

^{ix} Disponível em <https://www.ipp.pt/ensino/cursos/licenciatura/ese/462>. Acesso em: 14 dez, 2021.

^x Informações obtidas por meio do Regulamento de Estágio, no Complemento Regulamentar Específico de Curso (CREC) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Disponível em: <https://www.ese.ipp.pt/cursos/crec/CRECtilgp.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

Sobre os autores

Huber Klíne Guedes Lobato

Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professor do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Educação Especial pela Faculdade de Educação Montenegro - FAEM/2010. Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia - UFPA/2006. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (GEPEUR) e membro do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). E-mail: huberkline@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4553-8862>

Orquídea Coelho

Mestre e Doutora em Ciências da Educação, Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIEE). Coordenadora da DeafCoPin-Deaf Studies. Coordenadora de equipas portuguesas em diversos projetos Internacionais. Desenvolve

atividades de investigação, docência e orientação de mestrados, doutoramentos, doutoramentos sanduíche e pós-doutoramentos no âmbito dos Estudos Surdos e da Educação de Surdos. E-mail: orquidea@fpce.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7819-7956>

José Anchieta de Oliveira Bentes

Possui pós-doutoramento em educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013), doutorado em Educação Especial (UFSCAR/2010), mestrado em Letras - Linguística (UFPA/1998), especialização em Linguística aplicada ao ensino-aprendizagem do Português (UFPA/1993) e graduação em Letras (UFPA/1991). Professor adjunto da Universidade do Estado do Pará; atua no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) - Mestrado e Doutorado em Educação. Integrante do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1134-3677>

Recebido em: 26/01/2023

Aceito para publicação em: 06/10/2023